



O Olhar Guiado: Uma Proposta de Leitura da Tradução - Adaptação do Conto A Metamorfose de Franz Kafka Para História em Quadrinho¹

Fábio da Silva dos SANTOS²

Maria Luiza Calim de Carvalho COSTA³

Universidade Estadual Paulista – Campus Bauru - SP

RESUMO

O objetivo desse artigo é o de sugerir uma proposta de leitura da revista gráfica A *Metamorfose* adaptada por Peter Kuper. Supõe-se que Kuper sugere caminhos a serem seguidos pelo olhar do leitor na narrativa gráfica que podem ou não inferir nos níveis de leitura. Como qualquer outra forma de expressão artística a História em Quadrinhos possui sua própria linguagem. A Tradução – Adaptação de Kuper pode ser considerada uma atualização do conto de Franz Kafka. Peter Kuper assume o papel de tradutor intersemiótico, ou seja, possui o papel de interpretar e não reproduzir o conto de Kafka. Por esse motivo não é considerado uma leitura fiel ao conto original e propõe um entendimento distinto da leitura do texto literário oferecendo subsídios ao leitor para a sua concretização do processo de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; Adaptação; História em Quadrinho; Kafka; Metamorfose.

O conto *A Metamorfose* tem início com a súbita transformação do personagem Gregor Samsa num “monstruoso inseto”, “Certa manhã, quando Gregor Samsa abriu os olhos, após um sono inquieto, viu-se transformado num monstruoso inseto.” (KAFKA, 1971, p 25). A adaptação de Kuper da obra de Franz Kafka é uma forma de enriquecimento para compreensão da obra, não só pelo caráter de atualização, mas também pela tradução do texto literário em uma narrativa visual, vista que essa possui uma nova maneira de recepção por parte dos leitores.

As histórias em quadrinho são, essencialmente, um meio visual composto de imagens. Apesar das palavras serem um componente vital, a maior dependência para descrição e narração está em imagens entendidas universalmente, moldadas com a intenção de imitar ou exagerar a realidade.

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do Intercom Júnior - VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém Graduado em 2009 no Curso de Educação Artística pela UNESP – Bauru, email: fabio.matogrosso@yahoo.com.br

³ Orientadora do Trabalho. Profª Drª do Curso de Graduação em Educação Artística na UNESP – Bauru, email: marialuiza@faac.unesp.br



Muitas vezes, o resultado é uma idéia trabalhada com elementos gráficos. O *layout* da página possui efeitos de grande impacto, técnicas de desenho e cores chamativas que conseguem captar a atenção do criador. (EISNER, 2008, p 5)

A *Metamorfose* (KUPER, 2004) obtém novos modos de interpretação com essa atualização de Peter Kuper, a construção do conto em uma HQ possibilitou a intensificação dessa leitura, interpretação essa que o texto literário poderia não proporcionava ao leitor. Sem intenção de diminuir o valor do texto integral, devido simplesmente ao fato de que são leituras distintas. Nesse ponto Plaza relata Benjamin:

Nenhum dado do conhecimento pode ser ou ter pretensões a ser objetivo quando se contenta em reproduzir o real, assim também nenhuma tradução será viável se aspirar essencialmente a ser uma reprodução parecida ou semelhante ao original. (...) O fato “da afinidade das línguas depender do caráter de totalidade de cada uma delas pretender o mesmo que a outra sem conseguir alcançá-lo isoladamente”, leva Benjamin à conclusão de que “às línguas complementam umas às outras quanto à totalidade de suas intenções” (...) toda tradução movimenta-se entre identidades e diferenças, tocando o original em pontos tangenciais. (PLAZA, 2001, p 29)

A operação da tradução de característica intersemiótica⁴ é concebida por Plaza (2001, p XII) como “forma de arte e como prática artística na medula de nossa contemporaneidade”. Plaza (2001, p 1) evidencia que o ato tradutório “como trânsito criativo de linguagens nada tem a ver com fidelidade, pois ela cria sua própria verdade e uma relação fortemente tramada entre seus diversos momentos”.

Tradução Intersemiótica indica recriação, transmutação das formas, interpretação criativa. Julio Plaza (2001, p 2) diz que “história pressupõe leitura”, e continua, “é pela leitura que damos sentido e reanimamos o passado”. Plaza citando Frye conclui:

Nessa medida, a tradução para nós se apresenta como “a forma mais atenta de ler” a história porque é uma forma produtiva de consumo, ao mesmo tempo que relança para o futuro aqueles aspectos da história que realmente foram lidos e incorporados ao presente. Segundo Frye, “não há idéias mortas em literatura, há apenas leitores cansados [...]; a aceitação é fundamentalmente acrítica” [...] e “uma cultura indiferente ao seu passado não tem proteção contra o futuro. Por isso, o crítico tem de estabelecer um modelo de continuidade ligando a cultura atual com sua herança e, conseqüentemente, com seus herdeiros”. A arte não se produz no vazio. Nenhum artista é independente de predecessores e modelos. (...) As realizações artísticas dos

⁴ Tradução como prática crítico-criativa na historicidade dos meios de produção e re-produção, como leitura, como metacriação, como ação sobre estruturas eventos, como diálogo de signos, como síntese e reescritura da história. Quer dizer: como pensamento em signos, como trânsito dos sentidos, como transcrição de formas na historicidade. (PLAZA, 2001, p 14)



antepassados traçam os caminhos da arte de hoje e seus descaminhos.
(PLAZA, 2001, p 2)

Um dos papéis do tradutor na tradução intersemiótica é o de permitir que os códigos, canais e linguagem se socializem para estabelecer uma ação sobre o ambiente humano. A criação desses sistemas de sinais é essencial para a troca de mensagens entre o homem e o mundo. Peter Kuper assume o papel de tradutor de códigos ao adaptar *A Metamorfose* (KAFKA, 1971) e supõe-se que Kuper sugere uma leitura direcionada na HQ, que transporta o olhar do leitor por um caminho pré-determinado pelo ilustrador. Cria-se a oportunidade do leitor seguir uma linearidade em meio às imagens latentes de Kuper.

Para evidenciar essas manifestações de apreensão do olhar do leitor⁵ foram escolhidas três cenas distintas, divididas em três momentos do personagem Gregor: “O Despertar”, “A Aparição” e “A Morte”.

Em Kafka, o inquietante não são os objetos nem as ocorrências, mas o fato de que as criaturas reagem a eles descontraidamente, como se estivessem diante de objetos e acontecimentos normais. Não é a circunstância de Gregor Samsa acordar de manhã transformado em barata, mas o fato de não ver nisso nada de surpreendente – a trivialidade do grotesco – que torna a leitura aterrorizante. Esse princípio, que se poderia chamar de “princípio da explosão negativa”, consiste em não fazer soar sequer um *pianíssimo* onde cabe esperar um *fortíssimo*: o mundo simplesmente conserva inalterada a intensidade do som. De fato, nada é mais espantoso do que a fleuma e a inocência com que Kafka entra nas estórias mais incríveis. (ANDERS, 1969, p 19)

⁵ A sugestão de leitura guiada pelo ilustrador-autor da revista gráfica é meramente uma suposição e não proíbe qualquer outra forma de compreensão por parte dos leitores.

O DESPERTAR

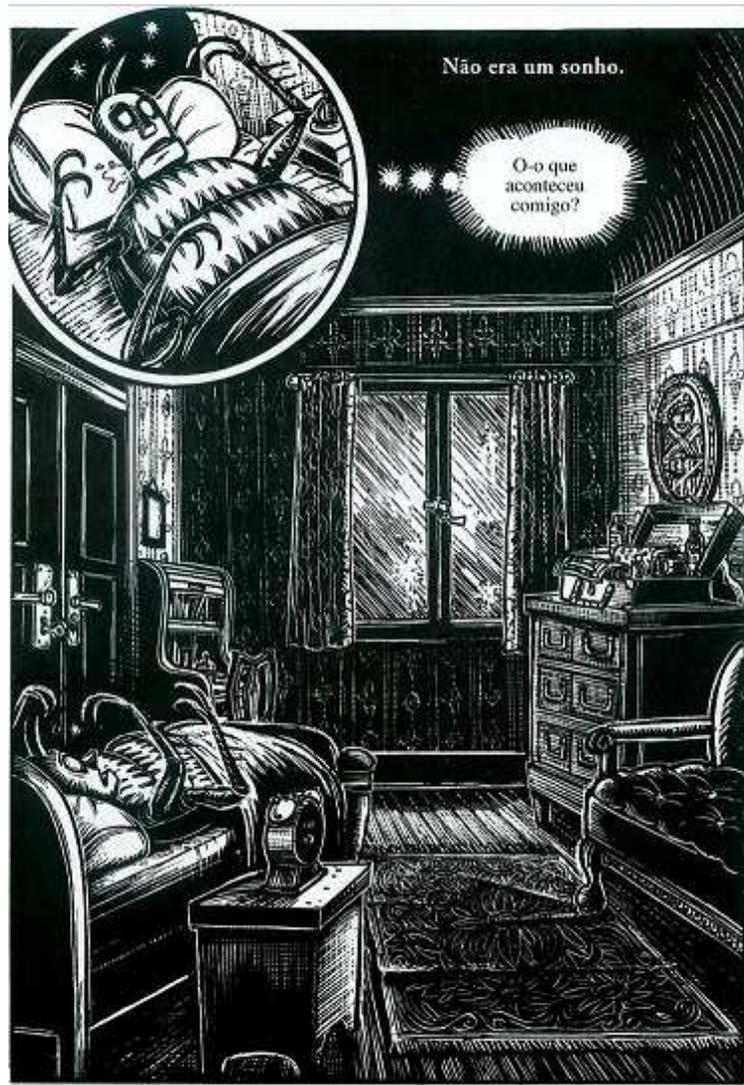


Fig. 1 – Pág. 12

Na página 12 (Fig. 1), encontramos Gregor transformado, deitado em sua cama, com uma “face” atordoada pelos então ditos “sonhos perturbadores”. Descobrimos que então “não era um sonho” e sim que Gregor é um inseto, uma barata. Obtemos uma visão geral do quarto de Gregor, com as paredes adornadas em papel-de-parede. Sua cama postada de frente para a janela que está fechada, mas com as cortinas abertas. Ao fundo uma cômoda e uma mesinha de escritório, ambos com características similares. Em cima da “penteadeira” ou “cômoda”, há uma caixa com, no primeiro momento, frascos de diversos tamanhos e papéis enrolados e jogados e mais acima pendurada na parede, um retrato de uma pessoa desconhecida. Um tapete no meio do quarto e a escrivaninha que fica junto à cabeceira da cama de Gregor onde se encontra o relógio,

que está virado para Gregor. A esquerda da cama está a porta de saída/entrada do quarto com a chave ainda na fechadura. Poderia-se supor que o leitor, sem uma leitura prévia da obra literária, deixaria alguns detalhes passarem despercebidos, como por exemplo, as gotas chuva que batiam na janela. A moldura acima da “penteadeira” é outro objeto que se torna corriqueiro se o leitor não conhecer o texto do conto *A Metamorfose*.

Conhecendo o perfil de Kafka, a caixa em cima da cômoda parece mais com uma caixa de remédios e não com a caixa que Gregor usa em sua profissão de Caixeiro-Viajante. Kuper sabe que Kafka era hipocondríaco e por isso mesmo nos deixa com dúvida sobre o conteúdo da caixa, induzindo a uma leitura mais aprofundada da obra.

De costas ficou e ele as sentia duras como couraça. Ergueu levemente a cabeça e viu que o seu ventre estava grande, curvo, castanho e dividido por profundos sulcos. A colcha não se sustinha sobre o convexo abdômen e escorregava para o chão. As pernas não eram duas mas inúmeras, lamentavelmente finas e agitavam-se sem que pudesse contê-las.

“– Que diabo terá me acontecido?” – perguntou-se. Pesadelo não seria. O quarto, pequeno, arrumado ao jeito masculino, de tão familiares paredes, era o seu quarto. Na parede rente à mesa onde se encontravam espalhadas as amostras de tecidos – porquanto Samsa era caixeiro viajante – estava a gravura que há bem pouco tempo recortara de uma revista ilustrada e que colocara numa bonita moldura dourada. Essa gravura representava uma senhora muito espigada, com gorro de pele e um boá também de pele enroscado no pescoço, exibindo pesado casaco, dentro de cuja larga manga todo o antebraço se escondia. Gregor voltou o olhar para a janela – gotas de chuva batiam contra os vidros e o tempo enevoado encheu-o de extrema melancolia. (KAFKA, 1971, p 25 e 26)

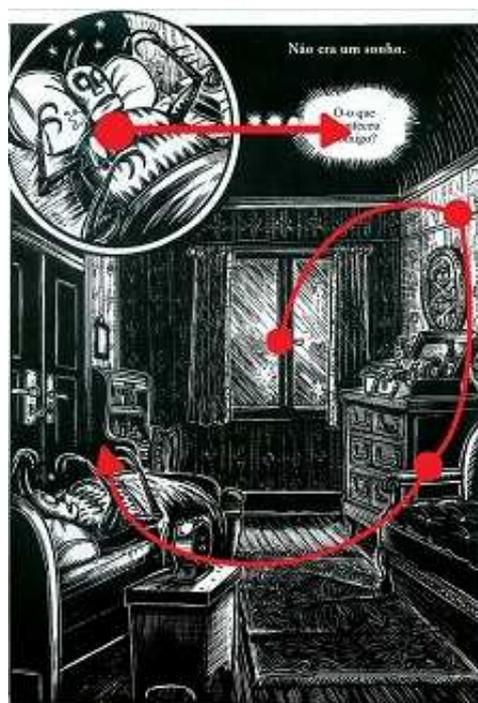


Fig. 2 – Sugestão de leitura da página 12

A APARIÇÃO



Fig. 3 – Pág. 30-31

As páginas 30 e 31 (Fig. 3) constroem um discurso conjunto. As páginas propõem uma leitura circular e central. No canto inferior esquerdo, Gregor tenta se comunicar com o gerente que, ao que parece, vira-se, assustado, em direção à porta, mas sem tirar os olhos do “inseto monstruoso”. Essa sequência se segue nos quadrinhos acima que fazem um caminho de espiral, que começa no canto superior esquerdo da página 30 e termina no canto inferior direito da página 31. Kuper sugere a leitura em espiral (Fig. 4) desta cena o que a torna mais ordenada e os textos usados na cena são colocados para completar a visualização de cada pequeno momento que ocorre nessa sequência. Essa leitura em forma de espiral é sugerida, pois o trecho do texto literário que inicia a cena está no dorso de Gregor que está situado no canto inferior esquerdo e a cena se desenvolve com a fuga do gerente até a saída que se situa no canto inferior direito. No mesmo momento acontece a cena dos pais de Gregor no centro da sala. Ao momento em que o gerente chega a uma escada o próprio quadro sugere uma instabilidade, como se quisesse mostrar os tropeços do gerente que corre desesperado em direção à saída.

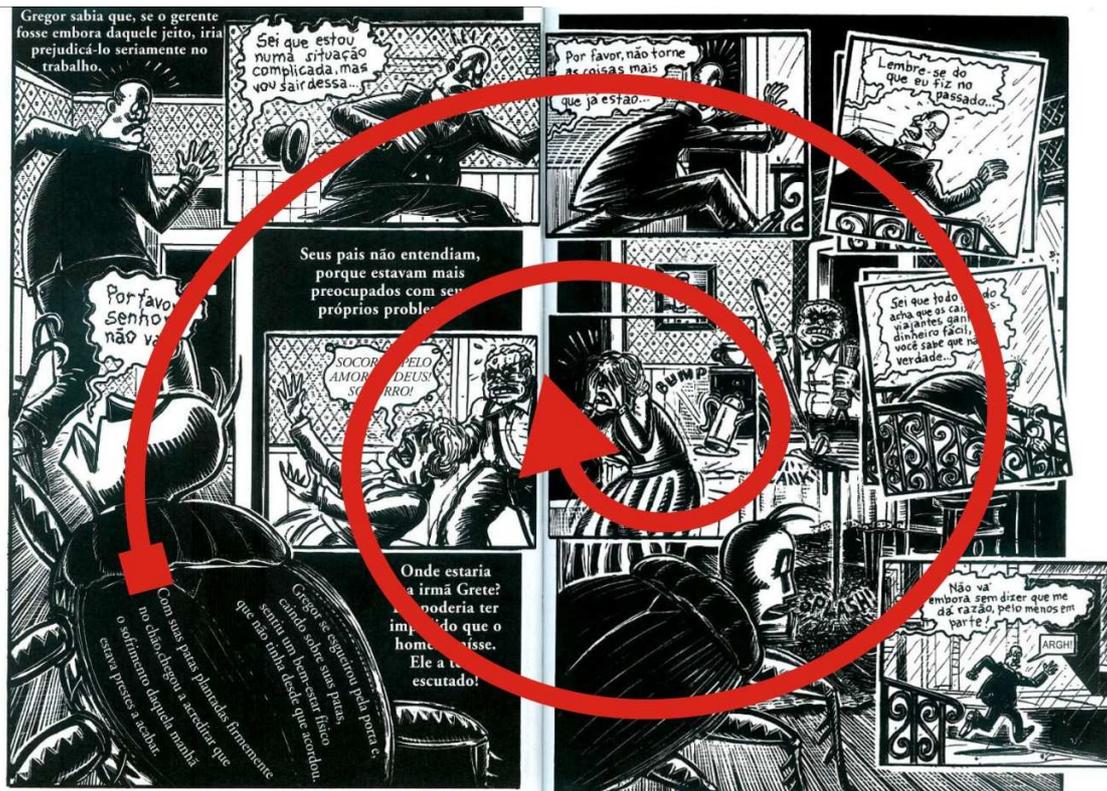


Fig. 4 – Sugestão de leitura das páginas 30-31

Em todos os quadros que mostram a suposta fuga do gerente encontram-se balões de fala de Gregor tentando se explicar pelo atraso: “Por favor, senhor, não vá.”; “Sei que estou numa situação complicada, mas vou sair dessa...”; “Por favor, não torne as coisas mais difíceis do que já estão...”; “Lembre-se do que eu fiz no passado...”; “Sei que todo mundo acha que os caixeiros-viajantes ganham dinheiro fácil, mas você sabe que não é verdade...”; “Não vá embora sem dizer que me dá razão, pelo menos em parte!”, e o gerente apenas no último quadro de sua “fuga” solta um som de desgosto: “ARGH!”. Ao centro percebe-se a mãe de Gregor, ao que parece, desmaiando pela visão que tem do inseto e o pai de Gregor, ao lado, sem reação. Continuando no centro do quadrinho, agora na página 31, a mãe de Gregor já está de pé, sendo reforçada pelo traço de um quadrado envolto a sua figura, tapando os olhos e chocando-se com a mesa fazendo derrubar um tipo de bule. Um pouco acima um retrato de uma pessoa batendo continência com as mãos, um pouco mais à direita nessa cena, está o pai de Gregor com uma bengala e um jornal enrolado na mão que supostamente seria para espantar o inseto. Ao chegar nessas páginas não se sabe ao certo por onde começar a leitura. Pode ser pelo centro, pela lateral. Essa incerteza na leitura supõe-se que seja para dar mais intensidade e simultaneidade na cena reproduzida, já que a bagunça gerada pela

disposição dos quadros e dos textos introduzidos refletem a confusão que Gregor provoca ao sair do aposento, assustando todos que ali estão.

Gregor não chegou a entrar na sala. Ficou encostado na folha fechada da porta, de sorte que só mostrava a metade superior do corpo, com a cabeça um tanto inclinada, espiando o que acontecia. Por esta altura, o dia clareara um pouco e, na calçada fronteira, podia-se distinguir uma parte do edifício do hospital, cuja fachada era crivada de bem assustadoras janelas. A chuva não parara de cair, mas então se fazia em grossas e espaçadas gotas que se viam nitidamente desfazer no chão. Sobre a mesa ainda se encontrava a louça do café, refeição que constituía para o pai de Gregor a mais importante do dia e que ele gostava de prolongar com a leitura de vários jornais. Colgado da parede em frente de Gregor, havia um retrato dele, tirado durante o serviço militar, apresentando-o com o uniforme de tenente; tinha um sorriso de quem se sente feliz por se achar vivo, e a mão na espada era gesto de quem exigia respeito pela sua patente de oficial. A sala dava para o vestíbulo; pela porta aberta via-se a de entrada do apartamento, também aberta, o patamar da escada e os primeiros degraus que levavam ao andar inferior. (KAFKA, 1971, p 50-51)

A MORTE

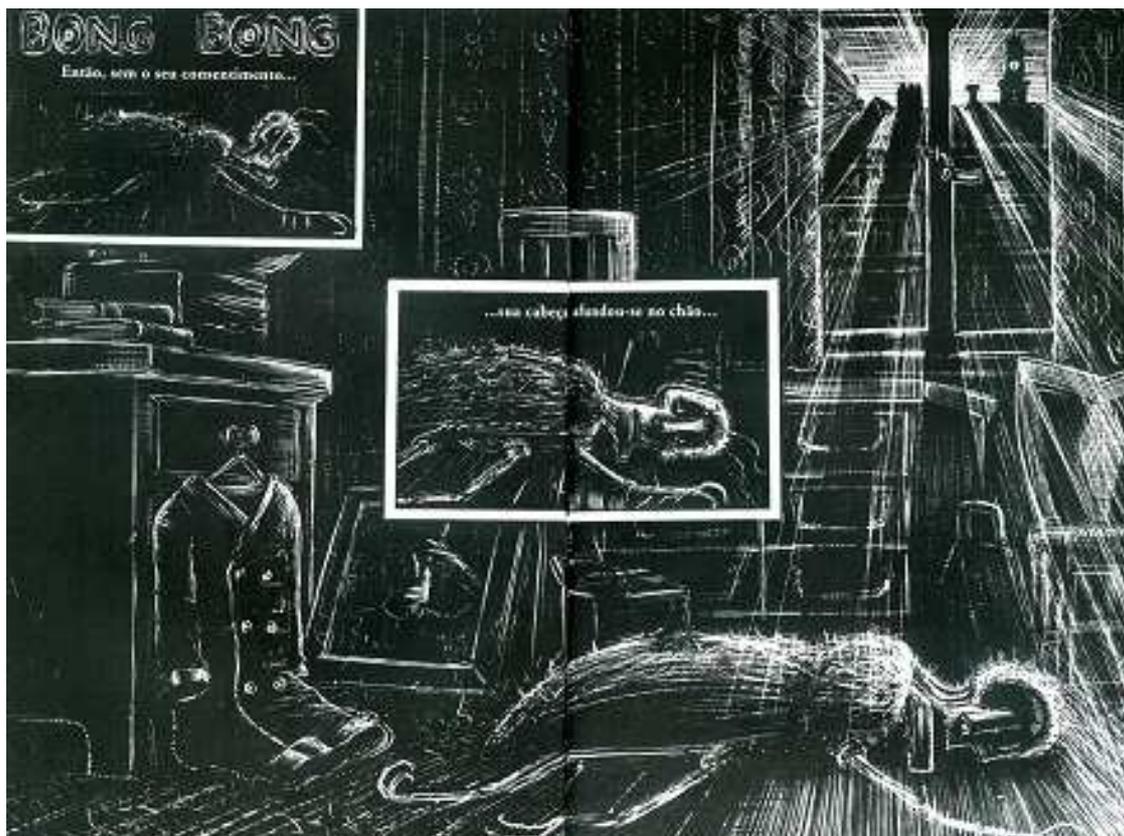


Fig. 5 – Pág. 74 e 75

As páginas 74 e 75 (Fig. 5) são ilustradas com o momento da morte de Gregor. Acima no canto esquerdo da página 74 as últimas duas badaladas do relógio sugerem

um sinal adeus à Gregor: “BONG”, “BONG”. Gregor agora apenas “afunda-se” no chão. O quarto de Gregor é apresentado com os objetos estocados. A disposição dos objetos em volta de Gregor sugere um cortejo por parte destes que foram seus únicos “companheiros”. Ao canto inferior esquerdo da página 74 verifica-se o quadro de Gregor com sua roupa respeitável de tenente, o mesmo que estava na sala quando antes ainda era um “humano”. A luz que entra pela janela bate bem em cima do corpo já sem vida de Gregor. Conseguimos ainda identificar a maçã que está encravada em suas costas.

E naquele estado de serena meditação e vaga insensibilidade permaneceu até que o relógio da igreja bateu três horas da manhã. Ainda pôde, através dos vidros da janela, ver a madrugada ir clareando, pouco a pouco. Depois, contra a vontade, a cabeça tombou no chão e, pelas suas narinas, filtrou-se em derradeiro e fraco suspiro. (KAFKA, 1971, p 127)

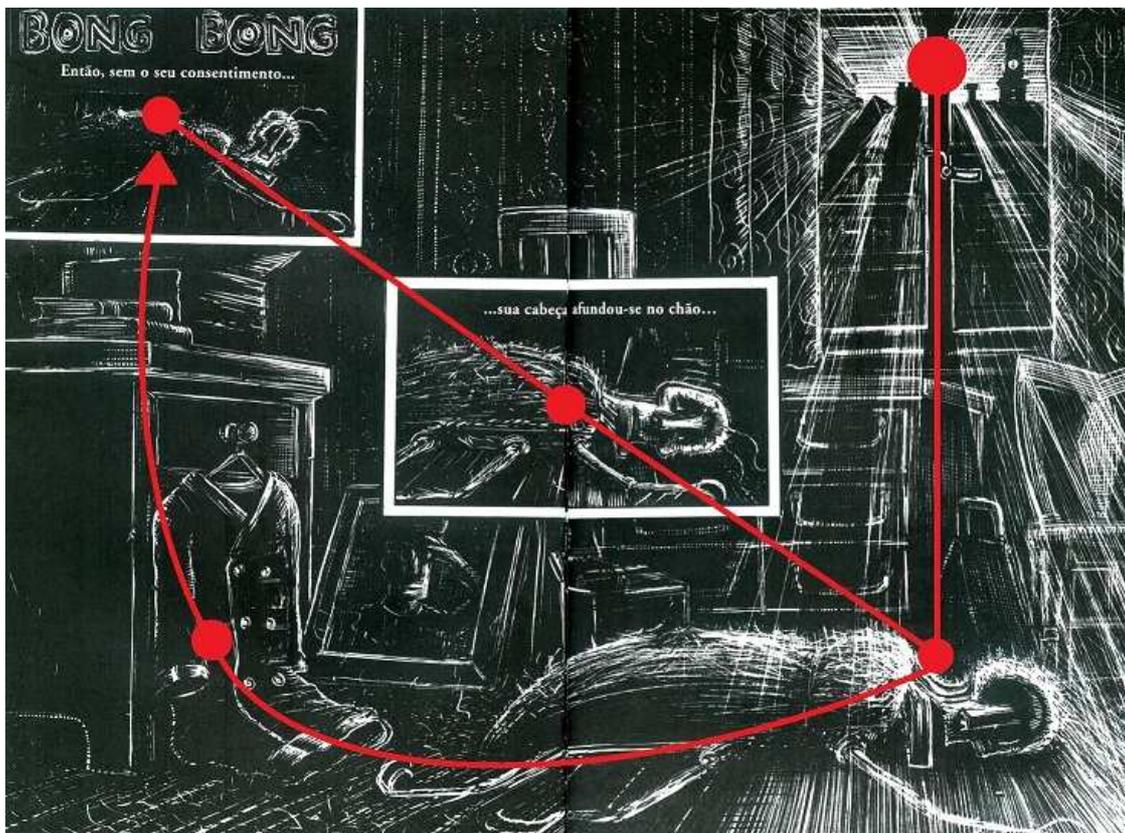


Fig. 6 - Sugestão de leitura das páginas 74-75

Peter Kuper em algumas passagens do quadrinho sugere um controle do olhar do leitor. Ao dispor o texto e quadros de maneira a levar o olhar para onde ele quiser, seja para evidenciar o ambiente ou apenas para gerar uma sequência desejada de leitura.



Nos quadrinhos, o controle sobre o leitor é conseguido em dois estágios: atenção e retenção. A atenção se consegue com imagens provocantes e atraentes. A retenção é obtida através de uma organização lógica e inteligível das imagens. (EISNER, 2008, p 55)

Kuper, através do seu traço marcante e áspero, gera o tom soturno e denso desse conto de Kafka. As páginas evidenciam a predominância do preto e sugerem a tensão sombria pela qual o personagem de Gregor se transpõe. Assumindo o pressuposto de que Kuper é um tradutor intersemiótico e um interpretador do conto de Kafka, foram obtidas informações relevantes sobre a forma de tradução-adaptação feita por Kuper, transformando a revista gráfica numa maneira atualizada de se ler esse conto.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: UNESP, 2005.

ANDERS, Günther. *Kafka: pró e contra*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, 1969.

BRAGA, F., PATATI, C. *Almanaque dos Quadrinhos – 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CAGNIN, A.L. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CORRAZE, Jacques. *As comunicações Não Verbais*. Rio de Janeiro: Zathar Editores, 1980.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. *Os tradutores na história*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

EISNER, Will. *Narrativas Gráficas: princípios e práticas da linguagem dos quadrinhos*. Tradução de Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2008.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2001.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. Tradução de Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1971.

KUPER, Peter. *A Metamorfose: Franz Kafka*. Tradução de Cris Siqueira. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.



MERÇON, Francisco E. *Uma leitura analítica da novela “A Metamorfose”, de Franz Kafka.* São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-19042007-211258> Acesso em: 05 de abr. 2010.

PIGNATARI, Décio. *Informação, Linguagem, Comunicação.* São Paulo: Cultrix, 1988.

PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica.* São Paulo: Perspectiva, 2001.

THEODOR, Erwin. *Tradução: Ofício e Arte.* São Paulo: Cultrix, 1976.